

Rebecca quase se afogara e estava em coma. Agora os médicos queriam encher-lhe o pulmão com outro líquido

Salva por afogamento

BARBARA SANDE DIMMITT

MICHAEL LITTLE, guiando a caminhonete Chevy verde, seguia o carro do irmão Mark numa estrada rural da Califórnia. Olhou para as filhas a seu lado. Marsha, 12 anos, no banco do carona, abraçava Rebecca, 10 anos, que dormia no meio. Michael sorriu. A pescaria significava prazer em família. Era o fim da tarde de domingo, 5 de maio de 1996.

Adiante, a estrada tinha uma barragem. Ao lado, estreita ponte de madeira estendia-se sobre as águas do desvio Sutter – passagem para as cheias do rio Sacramento. Havia dormentes ferroviários ao longo da ponte, no lugar de contratrilhos.

Assim que Michael alcançou a barragem, um carro branco surgiu bruscamente no caminho. Ele desviou rápido, mas a caminhonete derrapou, bateu no dormente do lado esquerdo, e virou para a direita. Chocou-se com o dormente do outro lado da ponte e parou, sacudindo-se sobre a água escura.

Michael ficou sentado, com medo de se mexer, as mãos coladas ao volante. O carro começou a

descer. Com os berros de Marsha ecoando nos ouvidos, ele gritou:

– Agüentem firme! Eu amo vocês!

MARK LITTLE E OS sobrinhos, Paul Quintana e Johnathan Murry, podiam ver o carro de Michael na beira, balançando um momento, depois caindo na água a 4,5 metros de profundidade.

Num instante, Mark e os garotos correram para lá. Encontraram o carro de cabeça para baixo, as rodas mal aparecendo na superfície. Ajudado por dois homens que pescavam por perto, Mark entrou na água e tentou abrir as portas. Vieram mais três pescadores. Alguém ligou do celular para a emergência. Eram 16h43.

Mark sentiu a mão embaixo d'água agarrar-lhe a calça.

É Michael!, pensou.

– Meu irmão está vivo! – gritou.

A mão foi afrouxando até soltar-se.

Desesperados, decidiram arriscar virar o veículo, esperando que não afundasse mais. Juntos, empurraram o carro contra o lado do carona e o levantaram, fazendo força. Ele finalmente cedeu e ficou de lado, com a porta do carona para cima. Michael e as meninas tinham ficado submersos alguns preciosos minutos.

Com o macaco, os homens forçaram a porta. Ela se abriu, revelando o corpo flácido de Marsha.

Um homem cortou-lhe o cinto, outro a retirou. Os restantes viraram o carro para cima. Quatro homens levaram Michael para a margem. Mark voltava para o caminhão quando viu Johnathan carregando o corpo inerte de Rebecca.

Não vou perdê-la, pensou.

Cerca de oito minutos se passaram desde o acidente. Os homens ressuscitaram Michael e Marsha, mas Rebecca permanecia azul. Os paramédicos chegaram para cuidar dela.

HELICÓPTEROS LEVARAM Marsha e Rebecca a dois hospitais diferentes, e Michael foi de ambulância para um terceiro. No Centro Médico Davis, em Sacramento, os paramédicos encaminharam Rebecca para a sala de emergência às 18 horas. Ela estava em coma e não podia respirar. Por isso, foi colocada num ventilador mecânico.

Elevados níveis de ácido no sangue mostravam que ela sofrera significativa privação de oxigênio. *Teria sofrido lesão cerebral grave?*, perguntou-se o doutor Marlowe W. Eldridge, pediatra da UTI. A princípio não se sabia. Os testes neurológicos revelavam quadro estável. Ele voltou a atenção para os pulmões.

As bactérias e o lodo da água nos pulmões sobrecarregavam o sistema imune da garota. Proteínas e enzimas produzidas pelos leucócitos enchiam os minúsculos vasos sanguíneos pulmonares que, sob pressão, vazavam o fluido para dentro dos alvéolos. Estes começavam a perder elasticidade e a ceder. Até o ventilador contribuía para o dano, pois forçava elevada concentração de oxigênio com alta pressão para os alvéolos congestionados.

A cadeia de eventos é conhecida como Síndrome Respiratória Aguda (SRA). Metade das crianças com esse quadro morre.

Regina Little, mãe de Rebecca,

chegou ao hospital e soube que a filha podia não passar daquela noite. Depois de horas, deixaram-na ver Rebecca na UTI pediátrica.

Regina viu o rosto inchado, a confusão de tubos e fios. Os cabelos castanhos da filha formavam sujos emaranhados no lençol branco. A lama manchava a pele clara dos braços. *Estão cuidando de você há tantas horas, e ainda não tiveram tempo de lavá-la*, pensou. Isso a assustou. Pela manhã, enquanto a menina continuava mal, o doutor Eldridge avaliou a situação. Depois ligou para um colega. “Harry, tenho uma paciente para você.”

como os peixes. Em meados dos anos 60, testaram um perfluoroquímico similar ao “Composto de Joe”. Ratos de laboratório, submersos no líquido incolor e inodoro, debatiam-se e relaxavam: o oxigênio contido no líquido atravessava livremente as finas membranas dos alvéolos e entrava na corrente sanguínea. Os ratos não apresentaram sintomas depois que o líquido foi drenado de seus pulmões.

Cientistas previram os benefícios médicos potenciais do fluido: levar oxigênio aos pulmões protegeria os alvéolos lesados. Mas o progresso estacionou por falta de equipamento que bom-

Quando Regina chegou ao hospital, soube que a filha talvez não passasse daquela noite



O DOUTOR Harry J. Kallas, 33 anos, ouviu Eldridge descrever o quadro. No centro médico, Kallas era o principal pesquisador de um novo procedimento para salvar crianças com SRA.

A história parecia ficção científica. Nos anos 40, o composto químico chamado “Composto de Joe” (por causa de seu inventor, Joseph Simons) foi usado no projeto da bomba atômica. O fluido, um perfluoroquímico, possuía grande capacidade de transportar gases como dióxido de carbono e oxigênio.

Na década de 50, cientistas se perguntaram se astronautas ou mergulhadores poderiam trocar dióxido de carbono por oxigênio num meio líquido,

beasse o líquido para os pulmões e continuasse a oxigená-los. Eles também precisavam desenvolver um líquido com as propriedades médicas certas.

Em 1991, pesquisadores surgiram com uma alternativa: ventilação líquida parcial (VLP). Os pulmões seriam quase completamente cobertos com o fluido. Um ventilador convencional bombearia oxigênio para as vias respiratórias livres.

Meses antes do acidente de Rebecca, a FDA aprovou as primeiras experiências pediátricas com VLP, usando o perfluoroquímico LiquiVent. Agora, Kallas pensava se os pais de Rebecca permitiriam que ela participasse do estudo.

NA SEGUNDA-FEIRA pela manhã, dia seguinte ao acidente, Regina Little sentou-se na pequena sala de reuniões do centro médico. Michael e Marsha recuperavam-se. Rebecca, no entanto, continuava em coma. Regina ouviu quando Kallas descreveu a situação da filha.

pulmões de Rebecca. As metades inferiores, quase brancas, estão cheias de resíduos. Nas superiores, começamos a ver faixas brancas. O quadro de sua filha a qualifica para uso de um líquido experimental para melhorar os pulmões.”

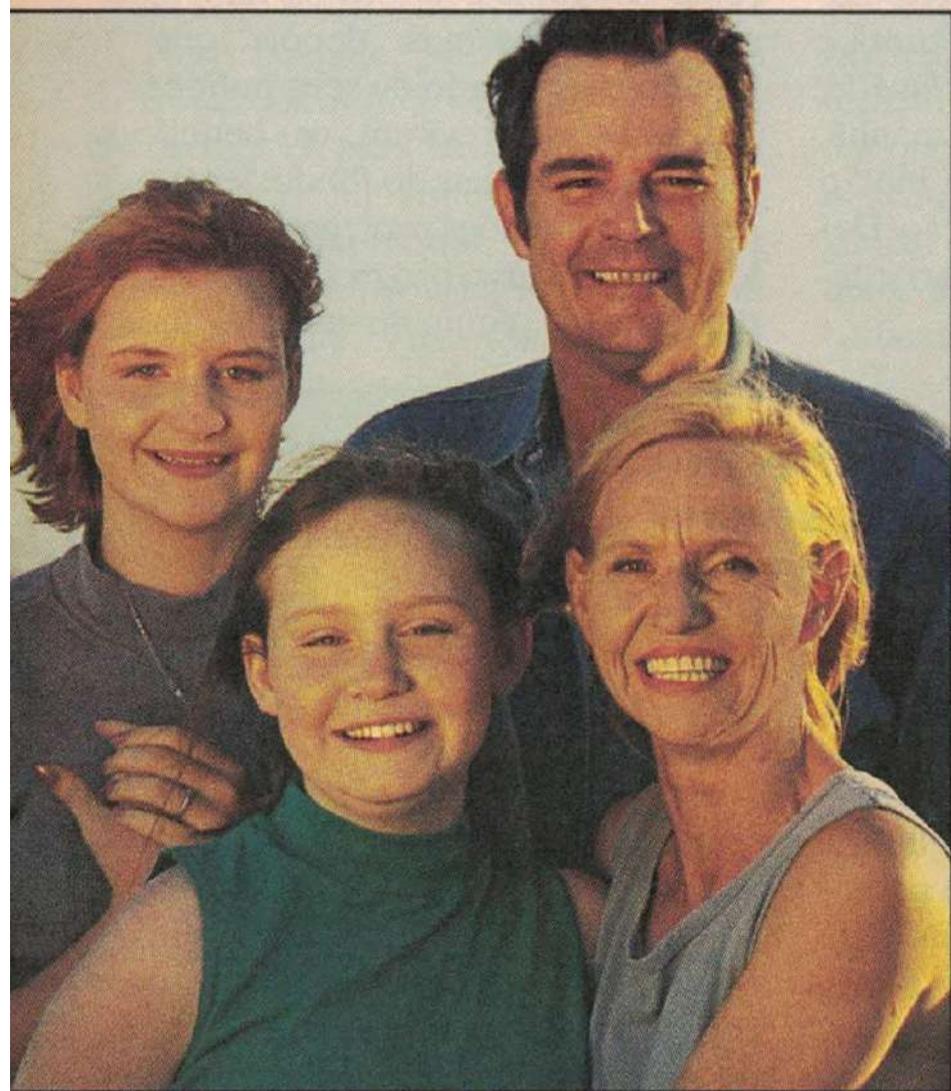
Após explicar o procedimento, Kallas mostrou uma fita sobre o LiquiVent e a VLP. Viu Regina olhar atentamente para a TV. Ele não podia garantir sucesso. “Não conhecemos efeitos a longo prazo da VLP, nem riscos de complicações.”

Regina não teve dúvida. A filha corria perigo de vida, e o tratamento experimental poderia ajudar. Olhou para Kallas e perguntou: “Onde assino?”

NAQUELA NOITE, Kallas pegou um frasco de LiquiVent. Parecia água, mas era cerca de duas vezes mais denso. A tensão superficial era tão baixa que uma gota entornada se espalhava rapidamente. Com cuidado, Kallas passou o líquido para a grande seringa de vidro e começou a gotejá-lo no tubo endotraqueal na boca de

Rebecca. Regina sentou-se perto da filha, espantada pela visão do LiquiVent borbulhando no tubo a cada exalação. Aproximando-se, sussurrou: “Não desista. Você agora tem ajuda.”

Na manhã seguinte, o enfermeiro Peter Rutan mostrou a Regina um reci-



O sorriso volta à família: da esquerda para direita, Marsha, Rebecca, Michael e Regina

“Estável, com sinais de que os pulmões estejam se degenerando”, disse. Ele pregou duas radiografias num painel luminoso. “Estes são pulmões normais. Parecem escuros, porque se encontram cheios de ar, que não aparece na chapa de raios X. Estes são os

piente com areia e fluido verde-escuro riscado de preto. “O líquido empurrou essa sujeira para cima, e pudemos sugá-la”, disse. “É um bom sinal.” As esperanças de Regina aumentaram, porém ela não viu nenhuma alteração no rosto cinzento da filha.

No outro dia, Michael, liberado do hospital, surgiu no centro médico. “Finalmente!”, exclamou Regina enquanto se abraçavam. Olhou para ele e falou séria:

– Quando entrar, não chore. Temos de agir de forma positiva. Sei que ela nos ouve.

Ele concordou.

– Não se preocupe – respondeu.

Entretanto, à primeira vista o rosto inchado e imóvel de Rebecca o abalou. Lembranças encheram-lhe a mente: ela escrevendo histórias no caderno; brincando com bonecos; correndo entre as árvores no *camping* preferido da família. *Voltará a fazer tudo isso?*, pensou.

Regina não viu a angústia do marido. Sua atenção estava voltada para a filha. Achou que poderia detectar o mais leve rosado no rosto da menina.

Naquela noite, Kallas parou de aplicar LiquiVent para ver a reação

dos pulmões de Rebecca. Às 2 da madrugada, Regina e Michael foram para casa descansar algumas horas. Quando voltaram na manhã seguinte, Rutan estava sorrindo. “Ela está se recuperando”, afirmou.

Onze dias após o acidente, Rebecca respirava sem o ventilador. Quando saiu do coma, ficou claro que tivera lesão cerebral. Durante as semanas de tratamento intensivo, reaprendeu a comer, sentar, ficar em pé, andar e falar.

Na manhã de 9 de julho de 1996, médicos e enfermeiros foram ao quarto dela.

– Está pronta? – perguntou Michael.

– Indo para casa! – respondeu entusiasmada, fazendo todos sorrir.

Rebecca Little continua o tratamento, vai à aula três vezes por semana e voltou a escrever histórias. Ela começou a sétima série em setembro. Informações sobre sua recuperação, primeiro caso de ventilação líquida do centro médico, juntaram-se aos dados obtidos de outros pacientes e poderão algum dia fornecer material para outra história de avanços da Medicina.



O que são calorias?

CALORIAS SÃO PEQUENAS UNIDADES que servem para avaliar como determinado alimento é gostoso. O chocolate, por exemplo, tem montes de calorias, enquanto o aipo, que na realidade não é um alimento, mas sim um membro da família dos contraplacados, fornecido pela Mãe Natureza para conseguirmos engolir molho de cebola nas festas a que vamos, não tem nenhuma.

Dave Barry, em *Stay Fit & Healthy Until You're Dead*